

# MEI-PÃO

• Mei-Pão - 4ª edição | Produto Cultural do Projeto LETRA VIVA - V Festival da Poesia de Fortaleza | Fortaleza / CE / 2024 •

## POETAS

- **Nícolas Indígena**
- **Meire Viana**
- **Sahmaroni Rodrigues**
- **Djavam Damasceno**
- **Ayla Nobre**



• Publicação digital, cujo título é inspirado no órgão de imprensa (jornal) "O Pão", da Padaria Espiritual

• Esta edição do Projeto é dedicada ao querido e inesquecível, Paulo Gustavo

## A PUBLICAÇÃO MEI-PÃO

A poesia ajuda a compor a identidade de um lugar. E, Fortaleza, a exemplo de outros lugares do mundo, escolheu ser uma cidade poética.

A intenção em realizar o Projeto Letra Viva - Festival da Poesia de Fortaleza é mostrar o que nossa cidade tem de melhor em matéria de poesia. Para tanto, o Projeto adotou a publicação “Mei-Pão”, cujo título é inspirado no órgão de imprensa (jornal) “O Pão”, da Padaria Espiritual, movimento literário nascido na cidade de Fortaleza no século XIX com ares modernistas, antes mesmo do modernismo surgir no Brasil, provando que a inovação poética da capital alencarina não é de hoje.

Esta quarta edição da publicação contém poemas das/dos poetisas de Fortaleza que foram selecionadas/os para fazer parte da quinta edição do Projeto Letra Viva - Festival da Poesia de Fortaleza. Seguem as/os poetisas que ilustram as páginas da publicação: Nicolas Indígena, Meire Viana, Sahmaroni Rodrigues, Djavam Damasceno e Ayla Nobre.

Porém, se Mei-Pão não for o suficiente para saciar sua fome, o projeto dispõe de um portal - [www.poesiadefortaleza.com.br](http://www.poesiadefortaleza.com.br) - em que você poderá se deliciar com os mais diversos sabores de nossa literatura.

Aproveite e boas leituras.

## O PROJETO LETRA VIVA - FESTIVAL DA POESIA DE FORTALEZA

LETRA VIVA - Festival da Poesia de Fortaleza caracteriza-se como uma iniciativa cultural que visa valorizar, divulgar, promover e enfatizar a cena poética e as/os poetisas residentes na capital cearense, especialmente as/os que estejam em atividade e produzindo atualmente.

Idealizado pelo produtor e gestor cultural cearense, Franciscus Galba, e pelo poeta, editor e produtor cultural cearense, Talles Azigon, teve sua estreia, em 2017, trazendo como proposta a criação de um ambiente inteiramente favorável e destinado à criação, fruição e difusão da literatura, nesse caso em específico da arte poética, configurando-se como uma ação inédita na cena cultural da capital Fortaleza, bem como do Estado do Ceará.

Em suas edições, procura sempre reunir e integrar o máximo possível de agentes culturais que compõem e fazem a cena poética local e, assim, movimentam e fomentam a expressiva produção contemporânea que existe em Fortaleza, com ênfase na diversidade.

LETRA VIVA - V Festival da Poesia de Fortaleza é uma realização da Letra Viva Cultura Inteligente, tem a parceria da Editora Substância, conta com o apoio do Site Papo Cult e o apoio institucional da Prefeitura de Fortaleza, por meio da Secretaria Municipal da Cultura de Fortaleza – SECULTFOR, Lei Paulo Gustavo, Ministério da Cultura e Governo Federal. “Projeto apoiado pelo Edital para as Artes da Lei Paulo Gustavo (Lei Complementar nº 195/2022)”.

Esta edição do Projeto é dedicada ao querido e inesquecível, Paulo Gustavo, ator, humorista, diretor, roteirista e apresentador carioca, que faleceu vítima de Covid-19. A lei que leva seu nome é uma merecida homenagem de toda a classe artística e de todo o setor cultural brasileiro à esta pessoa querida e talentosa que deixou tão cedo a vida e a arte e, acima de tudo, deixou muitas saudades.

Paulo Gustavo, presente!

### EXPEDIENTE

- Mei-Pão - 4ª edição - Produto Cultural do Projeto LETRA VIVA - V Festival da Poesia de Fortaleza
- Edição: Franciscus Galba / Talles Azigon
- Poetas: Nicolas Indígena, Meire Viana, Sahmaroni Rodrigues, Djavam Damasceno e Ayla Nobre
- Fortaleza / CE / 2024
- [www.poesiadefortaleza.com.br](http://www.poesiadefortaleza.com.br)

LETRA VIVA  
*V Festival  
da Poesia de  
Fortaleza*

### Uma moça escondeu sua bolsa

Uma moça escondeu sua bolsa  
Quando eu tava passando  
E isso matou por dentro  
Ao ver aquela cena rara  
Que me fez entender tudo  
Tipo uns que tá na zona de conforto  
E outros na faixa de gaza

Uma moça escondeu sua bolsa  
Quando eu tava passando  
E até dá pra entender  
Um moleque neguim do gueto  
Com os pano igualmente preto  
O quê que você achou que ela iria fazer?

Mas se bem que pensando bem  
Não dá pra entender  
Eu tava voltando da escola  
Sempre fui educado a nunca  
Me envolver no crime  
Com a blusa do wolverine  
Quem pensaria "e agora?"  
"Será que vai me assaltar?"  
"Talvez até me matar?"  
"Não sei do que ele é capaz"  
"Querido, me abraça forte"

Foi isso que o coroa fez  
Ele abraçou a velha  
E os dois apressaram os passos  
Enquanto eu fiquei largado  
Parado  
Tentando absorver o quê que tinha acontecido  
Minha mãe me abraçou bem forte  
E vendo os dois lá na frente  
Ela logo apressou os passos

Fez a cara mais fechada  
Que ela conseguia fazer  
Não falou nem disse nada  
Mas mostrou que sabia  
O que tinha acontecido  
Enquanto eu no meio disso  
Só conseguia pensar  
Que foi a primeira vez  
Que uma moça escondeu sua bolsa  
Quando ela me viu passar

Essa foi a primeira vez  
Mas nem de longe foi a última  
E sempre tem uns mano torto  
"Sua dor não justifica aquilo  
Que cê tá rimando"  
"Esse mano tá exagerando"  
"Tá só se vitimizando"  
Cê só critica minha barra  
Porque não é você que tá levantando

Uma moça escondeu sua bolsa  
Quando ela me viu passar  
E eu sei que outras vão vir  
Mas eu vou fazer o quê?  
Nois é a semente do mal  
Espalhando livro e poesia  
Por todo e qualquer canal  
Será deles eu o começo do fim?

Pois não se engane  
Arma é só história pra boy dormir  
O que eles real tem medo  
É do nosso conhecimento  
Eu digo e repito  
Eu sou arte em movimento

E é engraçado pensar  
Que diante às adversidades  
Eu sempre passei voando  
Em meio o fogo a queimar  
Mas só consegui criar asas  
Depois que uma moça escondeu sua bolsa  
Quando ela me viu passar

### Difícil de parar

Eu não sei que destino  
O mundo vai ter para mim  
Mas eu vou fazer  
Com que eu tenha um bem bom  
Já que eu vou arrombar  
Se a porta Não quiser abrir  
E eu sempre me revolto  
Com quem diz que eu tenho o dom

Se você lesse as primeiras coisas  
Que eu fiz  
Não diria isso nesse alto e bom tom  
É que eu tive mó sufoco  
E cê não teve nem um triz  
Por isso penso bem  
antes de estender minha mão

Se eu já passei sufoco pra comer  
Hoje de rima eu sinto fome  
E eu juro, essa ruas  
Ainda vão saber meu nome

E eu sei, alguns não gostam de mim  
Mas fazer o quê? Vou continuar a rimar  
Já que quanto mais eu escrever  
Mais bocas tem pra calar

E minhas linha é que nem cerol  
Na boca dos falador  
Não se aproxime nem se atreva  
A querer provar o veneno  
Ele é doce tipo vinho  
E você não sabe o odor  
É que o disfarce é herdado  
É só ver de onde eu venho

Ousadia e alegria  
Que eu trago dentro das letra  
Cês só vão ver meu pior lado  
Quando eu quiser mostrar  
Torneio de quem é o melhor  
Eu digo: Não se inscreva  
Essa vaga já tá ocupada  
E eu chamo de meu lugar

É que eu vim pra causar  
Cê ainda não se ligou?  
Eu mesmo demorei pra entender  
Hoje em dia nada me para  
Já comecei nos fundos  
Hoje o avião decolou  
E você quer um conselho?  
Anota a placa

POETA

## Nícolas Indígena

é poeta, escritor, compositor, músico, graduando em Letras e capoeirista, residente de Fortaleza, começou a escrever seus textos com 15 anos e segue fazendo sua arte visando a representatividade e o ritmo empregado em suas letras.



é necessário dizer frases de efeito profusão de afetos manifestos protestos documentos secretos por linhas tortas retas curvas imaginárias entre aspas entrelinhas entrementes parênteses secretos à margem de tudo aquilo que está no umbigo do furacão é necessário dizer que eu vou cantar em prosa e verso meu sujeito minha identidade fractal e faço votos torço contorço palavras que boiam nesse riacho invisível dentro de mim nos becos estreitos que me perco e me acho e me dizem mais do que eu posso dizer e nesse exato momento intraspectivo, contemplativo, resolvo olhar o céu à noite silenciosa muda desse absoluto absurdo de um país que se atola na ignorância demência torpeza talvez use um verbo só pra expressar e esse verbo é despensar o que não significa não pensar mas dar um viés pelo avesso nos contingentes de palavras em profusão que zuretam no ouvido percorrem meus becos sem saída e resolvo de chofre sentar no chão de minha casa e sôfrega procurar a todo custo o céu mesmo sem estrelas elas sempre aparecem quando menos espero e vou conversar com elas sem entender direito se é o cruzeiro do sul ou qualquer outro corpo celeste existe o planeta marte ou mercúrio ou júpiter disso creio fazer parte de meu universo até onde eu sei eu consigo alcançá-los e em saber que vejo a olho nu me sinto mais metafísica do que física e abarco todos dentro do meu quarto ou na varanda que é espaço onde o céu cabe inteiro e eu assim posso desviar os olhos dos pensamentos que contornam minhas órbitas gastas de tanto ver ler falar o absurdo absoluto de um país que se atola na ignorância demência torpeza talvez use mais de um verbo uma frase uma interjeição e resolva que o necessário seja dizer mas o torpor me leva a ver o céu carregado de estrelas visíveis imaginárias inomináveis periféricas circundantes para além de mim e esse torpor invade meu sujeito minha identidade fractal elevada me tirando desse chão que me faz ir lá longe e voltar para não sentir não sofrer não ver ler falar o absurdo absoluto de um país que se atola na ignorância demência torpeza é possível que eu fique quieta como também me expulsam palavras dentro de mim e no momento certo ou incerto é necessário dizer.

é absolutamente necessário dizer e eu tenho algo a dizer, mesmo que pra dentro de mim mesma, exato naqueles momentos calados, estranhamente calados, de sons e rangidos intermitentes que teimam em blasfemar, desdizer como um interlocutor invisível e esse mesmo dirá que não preciso dizer mais nada do que eu já disse, e estou ciente de que é necessário dizer. mas a voz do outro, esse interlocutor insistente, se volta pro meu ouvido e pronuncia alto e em bom tom que eu não tenho que dizer mais nada, engano seu, pois há sempre uma voz a se pronunciar, que não seja ele, ele não conta, não deve contar, afinal é meu interlocutor invisível. estou ciente, eu mesma inventei o invisível que me escuta, fala fala fala e só me diz do muito que escutou, que grita no meu ouvido que eu não preciso dizer mais nada, ora, não foi nem é nem nunca será esse ser invisível, criado pela minha imaginação aguçada que me proibirá de dizer o que é absolutamente necessário dizer, nem que seja um tantinho qualquer, uma frase, um provérbio, uma máxima, tanto pra dizer, e essa voz inclassificável pronuncia alto, a plenos pulmões que eu não tenho mais nada a dizer, nem um cumprimento, uma saudação, um pedido de socorro, nada teria a dizer, segundo essa voz, criada por mim, mas que fugiu ao meu controle, essa autonomia de voz, que inventei de criar feito um bichinho domesticado, algo além do possível, um ser imaginário, um ser, uma voz, e essa voz ressoasse ao ponto de acreditar ser essa voz a minha verdadeira voz, e eu, tão-somente eu, fosse um embuste de mim mesma, um guarda-chuva fechado num temporal, uma brisa que passa e leva tudo, arrasta minha memória, a ponto de eu não saber se meu dever como ser humano é perguntar, responder ou calar, já que essa voz me confundiu ao me dizer que eu já não preciso mais dizer, que tudo que eu tive pra dizer eu já disse, contrariando que seja absolutamente necessário dizer. então eu disse. fui embora e larguei a voz falando sozinha. eu fui sozinha. eu só com minha voz.

POETA

### Meire Viana

tem mestrado em Letras (literatura UFC) e doutorado em língua e literatura (Universidade de Murcia/Espanha). É professora do ensino médio na rede pública estadual do Ceará; promove saraus na escola para leitores adolescentes; teve experiência com teatro; faz leituras performáticas. Apaixonada por rock e temas ligados à contracultura (anos 60/70), é pesquisadora da obra poética de Jim Morrison, líder da banda The Doors. Sua poesia tem influências bastante diretas do concretismo, da poesia marginal dos anos 70 e de toda proposta estética da pós-modernidade.



Notícia vinda do Iraque: as milícias iraquianas têm utilizado uma forma de tortura contra homossexuais pregando seu cu com um produto que, assim como o cu, foi desviado para prática perversa. Empregam um modelo de suplício sem precedentes contra este grupo, usando uma cola muito forte para fechar seu extremo-prazer. Essa substância, fabricada no Irã (inimigo político do Iraque), se aplicada na pele, gruda-a e somente pode ser descolada por cirurgia. Depois de prender o prazer abjeto dos homossexuais, dão a eles uma bebida que produz diarreia. Posto que o cu está selado, a diarreia causa sua morte. Distribuem-se vídeos dessa forma de tortura por alguns celulares iraquianos. Antes do desvio, a homossexualidade aparecia em meu caminho como algo distante, alheio, embora ameaçador. O inverno são os outros.

(Trecho de O desvio – Sahmaroni Rodrigues – Editora Urutau, 2024)

- Saco de AIDS!  
Ecoa  
O acalanto rogado  
quando,  
Aos quatorze anos,  
Se viu lançado no mundo.  
Agora, belo cervo,  
Ensaia  
De - ses - pe - ra - da - mente  
Cumprir o veredito.

POETA

### Sahmaroni Rodrigues

é natural de Catarina, Ceará, mas habita em Fortaleza desde 1998. Publicou Cantos (contos, 2012, Ed. Substância), Um cemitério de almas puras (contos, 2018, Ed. Patuá), O amante (novela, 2017, Ed. Substância), Eu ficava ali, desestabilizado pela impenetrável infelicidade do outro (microcontos, 2023, Viseu), Você de pau duro ocultando as galáxias (romance, 2023, Folheando), O desvio (2024, Urutau).  
É docente da Universidade Federal do Ceará - UFC.



**lição de arquitetura**

corpo é o que o  
cupa um espaço

é aquilo que o  
molda, o  
morde ao habitá-lo

e o que o con  
fessa desde o avesso  
– denso – ao  
penetrá-lo

como um  
copo que o con  
forma  
e o derrama  
:molde  
insustentável

**ex**

ex  
*p*lícicar uma flor

é dobrá-la para fora  
para a flor de olhá-la

– caule,  
carícia, corola –

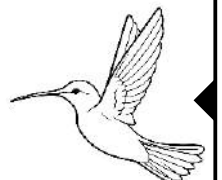
para os olhos  
que a colhem  
e derramam

tanta, luminura,  
,inodora

POETA

**Djavam Damasceno**

é natural de Viçosa do Ceará, professor, pesquisador e escreve textos. Mestre em linguística pela Universidade Federal do Ceará - UFC, é autor de duas plaquetas de poesia: *Sem título* (A literação, 2017) e *Um pássaro e outros nomes* (Editora Fictícia, 2023). Tem poemas publicados em revistas de poesia experimental e antologias. Integra o Grupo de Estudos Semióticos da Universidade Federal do Ceará (Semioce) e atua como curador da página Poesia Concreta. Vive e respira em Fortaleza.



escrever é mesmo uma dádiva,  
vinda de quem ainda não sei.  
talvez não tenhamos ainda entendido a escrita como um chato ofício.  
requer pensamento, conhecimento, aborrecimento.  
não quero escrever nada estando aborrecida.  
quem vai querer nos ler?  
quero ler verdades, mas também mentiras.  
e como saberemos se o que escrevemos é de verdade,  
se nunca saberemos se somos uma própria mentira.  
estamos em uma imensidão de palavras que nós desenhemos  
e que fazemos questão de guardar, de esconder,  
de mostrar, só às vezes, mas não para todo mundo.  
chegamos de repente em uma roda, e... gente confusa!  
sou ou não sou escritora?  
sei ou não sei escrever?  
para que quero escrever?  
alguém vai me ler?  
as respostas parecem que sempre serão não.  
dessa vez vai ser sim.

se amar é o sentimento mais glorificável que existe, porque ninguém me ama?  
amar requer me aceitar  
aceitar meu ser  
meu pau

amar a mim requer amar a mim e as minhas dúvidas e débitos  
minhas injúrias e preconceitos  
amar-me requer aceitar-me de todo jeito  
pois então que ninguém me ame!

mas você ainda assim me pediu um beijo,  
mas logo declinou quando percebeu quem eu era  
se sou gente, pessoa, humano, mulher  
se apenas travesti  
no final descubro que não sou também amor.

POETA

### Ayla Nobre

é uma travesti multifacetada, atuando como professora, escritora, modelo, atriz, produtora cultural e mediadora de leitura. Formada em Ciências Sociais pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), investiga áreas como literaturas de massa, sociologia das emoções e políticas públicas voltadas para culturas e bibliotecas comunitárias.



# MEI-PÃO

• Mei-Pão - 4ª edição | Produto Cultural do Projeto LETRA VIVA - V Festival da Poesia de Fortaleza | Fortaleza / CE / 2024 •



REALIZAÇÃO

**Letraviva**  
CULTURA INDEPENDENTE

PARCERIA

**SUBSTÂNCIA**

APOIO

**PapoCult**  
INTERAÇÃO. ANIMA. CRIANÇA.

APOIO INSTITUCIONAL

Projeto apoiado pelo Edital  
para as Artes da Lei Paulo Gustavo  
(Lei Complementar nº 195/2022).



**Fortaleza**  
PREFEITURA  
Cultura



MINISTÉRIO DA  
CULTURA

GOVERNO FEDERAL  
**BRASIL**  
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO